

ORIBEL

CULTURA & INFORMAÇÃO



MARÇO

20
25

A APLICAÇÃO DOS CRIMES CONTRA A HONRA NO ÂMBITO DAS REDES SOCIAIS

Salário: o que o sal
tem a ver com o seu
trabalho?

Por que personagens negros e
LGBTQIA+ na TV, cinema e
literatura fazem diferença?

5 Invenções que
Surgiram por Acidente
(e Mudaram o Mundo)

“Por que temos
arrepios com
música?”

Como o cheiro ativa
a memória?



CARTA AO *Leitor*



Suellen Cicotti
Históriadora,
Jornalista e
Filantropa. Fundadora
da Oribel ONG.

Caro leitor,

É com grande satisfação que lhe apresentamos a nossa revista gratuita **ORIBEL Cultura e Informação**, um espaço dedicado à cultura, arte, curiosidades, informação e atualidades. Nosso objetivo é estimular a leitura tornando o conhecimento acessível a todos. Acreditamos ser um direito de todos, e é com essa visão que trazemos conteúdos variados e interessantes para você.

Queremos inspirar você a explorar novos horizontes culturais e a apreciar as diferentes manifestações artísticas que enriquecem nossa vida.

Aqui, você encontrará fatos intrigantes, histórias surpreendentes e informações úteis para o seu dia a dia. Queremos despertar a sua curiosidade e incentivá-lo a aprender sempre mais.

Acompanhar as notícias nem sempre é fácil, especialmente quando os termos técnicos e políticos parecem complicados.

Por isso, nossa revista traduz as notícias da atualidade para uma linguagem mais simples, para que todos possam entender e se manter informados.

Nossa equipe trabalha com dedicação para trazer conteúdo relevante e confiável.

Gostaríamos de ser uma fonte de informação que você possa consultar com tranquilidade, sabendo que estamos comprometidos com a qualidade e a veracidade dos fatos.

Queremos que você se apaixone pelas palavras e descubra o prazer de ler.

Agradecemos por nos acompanhar e esperamos que nossa revista seja uma companhia agradável em seus momentos de leitura. Se tiver sugestões, críticas ou histórias para compartilhar, não hesite em nos escrever. Estamos aqui para você!

Com carinho,

Suellen Cicotti

EDITORIAL



Associação Oribel
Fundada em 2023
Editora : Suellen Cicotti
CNPJ :52.153.951/0001-02



Diretora de Redação :
Suellen Cicotti **Editores**
Diego Anástacio e Camila
Guerrera. **Designers:** Otto
Carvalho.

Colaboração: Suellen
Cicotti (texto), Rafael
Amadeu (texto) Diego
Anastacio (texto)

Redação e correspondência:
Rua Prof Ciridiao Buarque
75,Bloco 1 sl 73A
Vila Anglo Brasileira
São Paulo-SP
05028-000

Contato e informações :
contato@oribel.org.br
(21) 9 7286-0452
(11) 9 1444-8440

SUMÁRIO



04



14



07

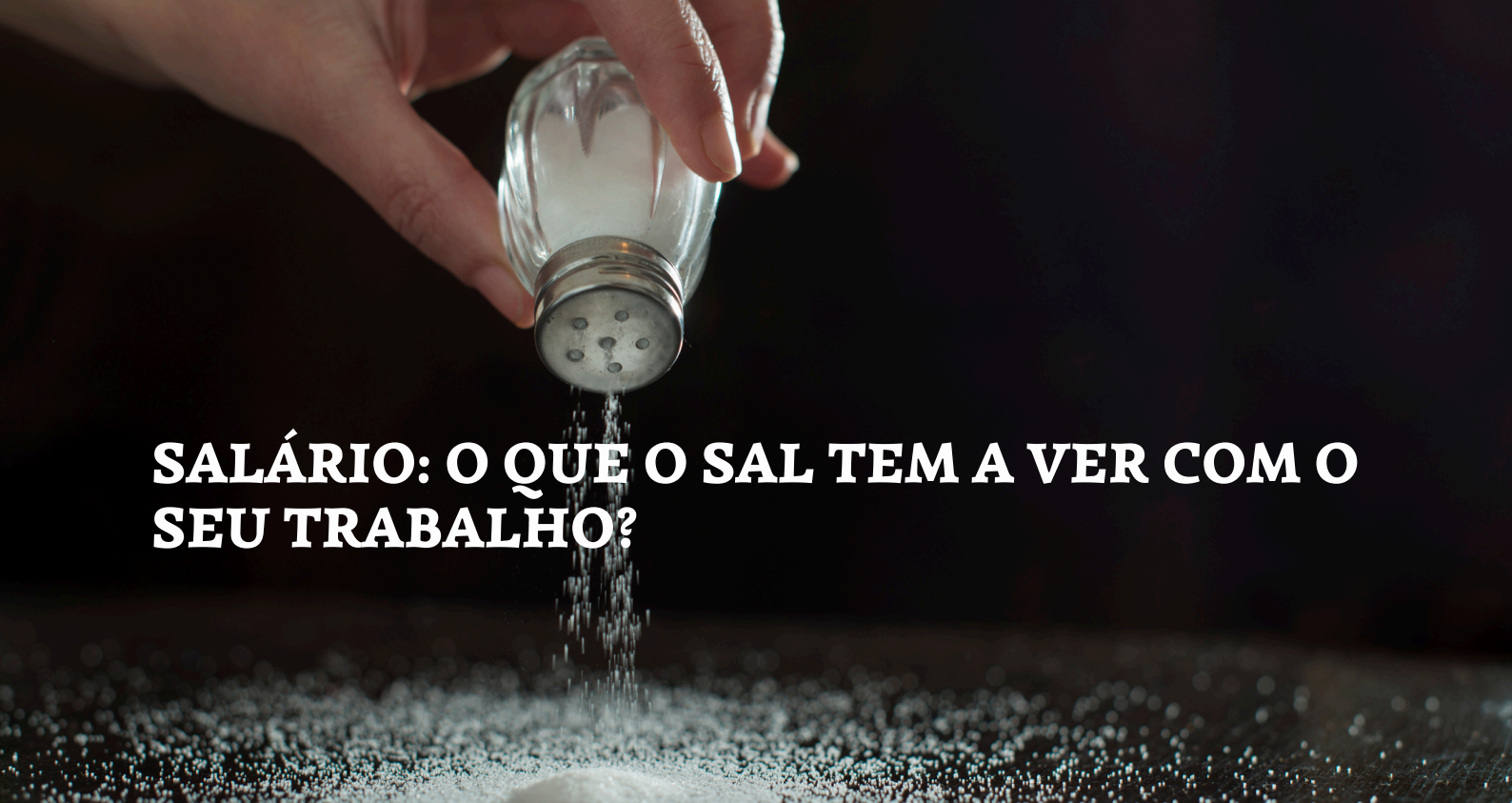


18



22

Salário: o que o sal tem a ver com o seu trabalho?	04
Por que personagens negros e LGBTQIA+ na TV, cinema e literatura fazem diferença?	05
O Homem da Máscara de Ferro	07
“Por que brindamos com copos?”	09
5 Invenções que Surgiram por Acidente (e Mudaram o Mundo)	10
“Por que temos arrepios com música?”	12
A HISTÓRIA DO SALTO ALTO	14
Por que jogamos arroz em casamentos?	16
A APLICAÇÃO DOS CRIMES CONTRA A HONRA NO ÂMBITO DAS REDES SOCIAIS	18
Por que usamos preto em funerais?	20
Como o cheiro ativa a memória?	22



SALÁRIO: O QUE O SAL TEM A VER COM O SEU TRABALHO?

Você já parou para pensar por que chamamos de salário o valor que recebemos pelo nosso trabalho?

A origem dessa palavra tem tudo a ver com um item que já foi mais precioso do que o ouro: o sal.

O sal como moeda

Na Roma Antiga, os soldados recebiam parte de sua remuneração com sal, um item tão valioso que era usado como forma de pagamento.

O nome disso? Salarium, que depois deu origem à palavra “salário” em português.

O sal era essencial para a conservação dos alimentos, já que não existia geladeira. Ter sal em casa era garantia de comida preservada e, por isso, quem tinha sal, tinha poder.

Ele valia tanto que podia ser trocado por outros produtos ou serviços — como se fosse dinheiro.

Uma palavra carregada de história

A palavra “salário”, portanto, não surgiu por acaso. Ela carrega séculos de história sobre o valor do trabalho humano e sobre as formas de sobrevivência de outros tempos. Receber salário não era só uma questão financeira, mas também um símbolo de confiança, respeito e sustento.

Hoje, usamos a palavra com naturalidade, mas ela continua carregada de significado. O salário é, para muitas pessoas, o que garante comida na mesa, aluguel pago, roupa limpa e, às vezes, o sonho de um futuro melhor.

Reflexão

Se antes o sal era o que conservava a comida, hoje o salário é o que conserva a dignidade de milhões de pessoas. Mas será que todos os salários realmente preservam a vida com a mesma justiça?

Essa palavra antiga nos convida a pensar: qual o valor real do nosso trabalho? E mais: o que temos feito para que o salário signifique mais do que sobrevivência — e sim, possibilidade de viver com dignidade?

Por que personagens negros e LGBTQIA+ na TV, cinema e literatura fazem diferença?

Você se lembra da primeira vez que viu alguém como você num filme, livro ou novela?

Alguém com a sua cor, seus cabelos, seus desejos, seus medos, sua maneira de existir no mundo?

Para muita gente, esse momento nunca chegou. Durante décadas, os meios de comunicação empurraram para as margens as histórias de pessoas negras, LGBTQIA+, indígenas e periféricas.

E quando apareciam, era quase sempre como estereótipos: o ladrão, a empregada, a travesti engraçada, o negro atleta, o gay estilista. Personagens rasos, sem profundidade, que reforçavam preconceitos ao invés de combatê-los.

Mas isso está mudando — e ainda precisa mudar muito mais.

Na televisão brasileira, personagens negros ainda são minoria, principalmente nos papéis centrais.

Quantas vezes vemos novelas com protagonistas negras? Quantos apresentadores de grandes programas são LGBTQIA+ assumidos?

Ainda assim, há avanços importantes. Séries como “Manhãs de Setembro”, protagonizada por Liniker, uma mulher trans negra, ou a presença de Erika Januza e Taís Araújo em papéis de destaque, mostram que outras narrativas estão ocupando o centro do palco.



EDIÇÃO MARÇO 2025





No cinema, obras como “Moonlight” e “Medida Provisória” trazem questões de raça e sexualidade com profundidade e sensibilidade. São histórias que não se limitam à dor, mas que também mostram amor, sonho, potência e reconstrução.

A presença de atores e atrizes negros e LGBTQIA+ não apenas amplia o olhar de quem assiste, mas também salva vidas. Jovens que nunca se viram representados passam a se reconhecer, a se entender e a se aceitar.

Na literatura, temos nomes como Conceição Evaristo, Itamar Vieira Junior, Amara Moira e Jarid Arraes rompendo o silêncio. São vozes negras, trans, nordestinas, que nos convidam a mergulhar em outras verdades — aquelas que sempre existiram, mas foram invisibilizadas.

Cada vez que um livro traz uma protagonista negra que não está a serviço da branquitude, ou um personagem LGBTQIA+ que vive uma história complexa e humana, abrimos caminho para uma sociedade mais justa e plural.

Porque ver alguém como você ocupando um espaço de destaque diz que você também pode.

Porque crianças negras e LGBTQIA+ merecem crescer acreditando que são importantes, inteligentes, capazes e bonitas.

Porque a arte pode curar o que o mundo machuca.

Representatividade não é só sobre aparecer — é sobre existir com dignidade, profundidade e potência.

E sim, ela importa. Importa muito.





O Homem da Máscara de Ferro

A VERDADEIRA HISTÓRIA POR TRÁS DO PRISIONEIRO MAIS MISTERIOSO DA FRANÇA

Durante séculos, um mistério pairou sobre os corredores frios das prisões francesas: quem era o Homem da Máscara de Ferro?

Um prisioneiro mantido em total segredo, escondido atrás de uma máscara e vigiado como se fosse o maior dos criminosos.

Mas o mais curioso? Ninguém sabia seu nome.

Essa história não é invenção de Hollywood. Ela aconteceu de verdade — e até hoje intriga historiadores, escritores e curiosos do mundo inteiro.

Um prisioneiro sem rosto

O caso começa em 1669, no reinado de Luís XIV, o chamado "Rei Sol". Um homem foi preso sob o nome falso de **Eustache Dauger**.

Ele foi transferido entre várias prisões — incluindo a famosa Bastilha — sempre sob vigilância rigorosa, proibido de falar com outros prisioneiros e obrigado a usar uma máscara o tempo inteiro.

Mas a máscara não era de ferro, como ficou famosa na lenda. Era feita de veludo negro, segundo documentos históricos. A versão de ferro surgiu mais tarde, provavelmente para dramatizar a história — o que funcionou muito bem.

Teorias, conspirações e literatura

O segredo em torno da identidade do prisioneiro gerou inúmeras teorias. A mais famosa?

Que o Homem da Máscara de Ferro seria o irmão gêmeo secreto do rei Luís XIV. Essa versão foi imortalizada por Voltaire e depois por Alexandre Dumas, autor de Os Três Mosqueteiros, que romantizou a ideia em seu livro O Visconde de Bragelonne.

Outros acreditam que ele poderia ser:

- Um nobre traidor, que sabia demais.
- Um servo que ouviu um segredo perigoso da realeza.
- Um censor político, castigado por suas ideias.
- Ou até um pai biológico do rei, que precisava ser apagado da história.

A verdade? Ninguém sabe com certeza.

O fim do mistério (ou quase)

O prisioneiro mascarado morreu em 1703, após mais de 30 anos de cárcere. Seu túmulo tem o nome falso "Marchiali", e todos os registros relacionados a ele foram manipulados ou destruídos.

Alguns documentos indicam que ele poderia ter sido um funcionário do governo envolvido em algum escândalo, ou mesmo um espião. Mas o mistério permaneceu, alimentado por escritores, filmes e teorias da conspiração.

Lenda ou verdade?

A história do Homem da Máscara de Ferro mostra o quanto a verdade pode ser sufocada pelo poder — e como o silêncio forçado pode virar eco eterno.

A máscara virou símbolo de repressão, segredos de Estado e da violência do absolutismo, onde a vida de um homem podia ser apagada apenas por conveniência.

Hoje, ele ainda é um fantasma da História que nos lembra que nem todos os mistérios foram resolvidos — e que a verdade, muitas vezes, é mais assustadora do que a ficção.

Linha do Tempo: O Mistério da Máscara

 1669 – Um homem é preso com identidade falsa como Eustache Dauger. Começa sua jornada de transferências entre prisões secretas.

 1687 – Transferido para a prisão da Bastilha, em Paris, sob forte vigilância.

 1703 – Morre na Bastilha. É enterrado como Marchiali. Sua identidade permanece desconhecida.

 1760 – O filósofo Voltaire, que também esteve preso na Bastilha, publica textos dizendo que o homem era irmão gêmeo do rei.

 1847 – Alexandre Dumas publica O Visconde de Bragelonne, onde populariza a ideia do gêmeo real e cria o mito da máscara de ferro.

 1998 – O filme O Homem da Máscara de Ferro, com Leonardo DiCaprio, leva a história ao cinema com aventura e drama.



“Por que brindamos com copos?”

UM GESTO SIMPLES,
UMA HISTÓRIA CHEIA DE
SEGREDOS (E VENENO)

EDIÇÃO MARÇO 2025

Levantar o copo, olhar nos olhos, tocar com força e sorrir antes de beber. É um gesto comum, quase automático, presente em festas, jantares, encontros românticos e celebrações de todo tipo.

Mas você já se perguntou de onde vem essa tradição de brindar com copos?

Acredite: por trás do "tim-tim" pode haver uma história de venenos, pactos de confiança e um pouco de superstição medieval.

✂ **Brindar para provar que o vinho não estava envenenado?**

Uma das teorias mais famosas sobre a origem do brinde vem da Idade Média. Naquela época, envenenar o vinho do inimigo era uma estratégia bem comum entre nobres e reis. Então, para provar que a bebida estava "limpa", os anfitriões batiam seus copos com força, fazendo o líquido de um saltar para o outro.

Se os dois bebessem depois disso, era um sinal de confiança mútua: “Não há veneno aqui”. Um gesto simples para dizer: “estamos em paz”.

Embora os historiadores debatam essa versão, ela ainda é uma das mais contadas — afinal, é muito mais divertida do que dizer que é só um costume social.

A origem da palavra “brinde”

A palavra “brinde” em português vem do alemão antigo “bring dir’s”, que significa algo como “eu te ofereço” ou “eu bebo por você”. Esse costume chegou ao Brasil com os colonizadores europeus, e aqui ganhou vida própria — com direito a expressões como “tim-tim!”, “saúde!” ou até o popular “só se for agora!”.

👁 Olhar nos olhos: superstição ou respeito?

Além do toque dos copos, há o famoso costume de olhar nos olhos ao brindar. Em muitas culturas, isso representa sinceridade. Dizem até que, se não olhar nos olhos, o brinde não “vale”. Em algumas versões mais ousadas da lenda, pode até “dar azar no amor”... então melhor garantir, né?

🌟 Mais do que um gesto, um ritual

Hoje, brindar é mais do que tradição: é um ritual simbólico. Ele marca o início de algo — uma celebração, uma união, uma promessa, um novo ciclo. É um momento em que, mesmo por alguns segundos, paramos para reconhecer a alegria de estar juntos. Um gesto que atravessou séculos, atravessou taças e copos de todos os tipos, e ainda hoje carrega uma energia especial.

🍷 Tim-tim!

Então, da próxima vez que você brindar com alguém, lembre-se:

esse pequeno gesto já foi sinônimo de confiança, de pacto e até de sobrevivência.

Hoje, ele é um símbolo de afeto, de alegria e de presença.

E convenhamos... quem é que não gosta de um bom “tim-tim” entre amigos?

5 Invenções que Surgiram por Acidente (e Mudaram o Mundo)



EDIÇÃO MARÇO 2025

Porque nem todo gênio sabia exatamente o que estava fazendo

Na ciência (e na vida), nem tudo sai como planejado. Às vezes, uma falha de cálculo ou um experimento sem pretensão pode resultar em algo grandioso. Algumas das invenções mais importantes da história surgiram de forma totalmente acidental — e transformaram o mundo de maneiras que seus criadores jamais imaginaram.

Abaixo, listamos cinco descobertas que nasceram do acaso, mas mudaram o curso da tecnologia, da saúde e até da sua geladeira.

1. Penicilina – O fungo que salvou o mundo

Em 1928, o cientista escocês Alexander Fleming saiu de férias e, ao voltar, encontrou suas culturas de bactérias contaminadas por um fungo. Em vez de jogar fora, ele observou que, ao redor do fungo, as bactérias estavam mortas.

A substância produzida pelo fungo era a penicilina, o primeiro antibiótico da história. Fleming não só não esperava por isso, como inicialmente nem percebeu a importância da descoberta. Ainda bem que o mundo percebeu depois.



2. Micro-ondas – Um chocolate derretido e uma ideia brilhante

Durante a Segunda Guerra Mundial, o engenheiro Percy Spencer trabalhava com radares e magnetrons quando notou algo estranho: a barra de chocolate no seu bolso derreteu sozinha perto do equipamento.

Curioso, ele começou a testar com outros alimentos, como pipoca, e logo percebeu que aquelas ondas podiam aquecer comida com rapidez. Assim nasceu o micro-ondas — hoje presente em quase toda cozinha do planeta.

📌 3. **Post-it** – A cola que não colava direito
Em 1968, o cientista Spencer Silver, da empresa 3M, tentava desenvolver uma supercola — mas criou uma que mal grudava. Por anos, ninguém soube o que fazer com aquilo, até que um colega teve uma ideia: usar a cola fraca para fazer marcadores de página reposicionáveis.

Assim surgiram os Post-its, hoje usados em escritórios, escolas e até nas geladeiras mais organizadas do mundo.

🍦 4. **Sorvete de casquinha** – Do improviso à tradição

Em 1904, numa feira nos Estados Unidos, um vendedor de sorvete ficou sem potes. Ao lado, um vendedor de waffles também não vendia nada. Os dois se uniram: enrolaram os waffles em forma de cone para servir o sorvete.

Nascia ali, por pura necessidade, o sorvete na casquinha. Um clássico que ninguém quer que acabe.

🔥 5. **Fósforo** – Um erro químico que pegou fogo (literalmente)

O químico inglês John Walker mexia em misturas de substâncias quando, sem querer, raspou um pedaço da mistura seca na bancada e... fez fogo. Ele não estava tentando criar fósforos, mas acabou criando a primeira versão deles em 1826.

Só depois o produto foi refinado para virar o que conhecemos hoje: um fósforo simples, leve e presente no bolso de muita gente.



O acaso também é criativo

Essas descobertas mostram que a inovação nem sempre vem do planejamento perfeito, mas muitas vezes da curiosidade, da atenção e até da paciência diante do erro.

Afinal, como disse certa vez o próprio Alexander Fleming:

“Quando você trabalha com algo novo, sempre há espaço para o inesperado.”

E às vezes, é nesse inesperado que mora a verdadeira genialidade.

“Por que temos arrepios com música?”

– Explicação científica e emocional sobre como o som mexe com nosso corpo.



Anastacius
Maestro e Músico
@anastacius.official

Quando o som toca mais do que os ouvidos:
toca a alma

Sabe aquele momento em que a música sobe...
e junto dela sobe aquele arrepio nos braços, no
pescoço, às vezes até nas pernas?

É como se o corpo dissesse: “Isso aqui é mais
do que som. É sentimento.”

Mas por que isso acontece? O que faz uma
simples combinação de notas provocar reações
físicas tão intensas?

A resposta está no meio do caminho entre a
ciência e o coração.

Quando a música vira emoção

Ouvir música ativa diversas áreas do cérebro ao
mesmo tempo. Quando uma melodia nos
emociona, ela estimula o sistema límbico,
região ligada à memória e às emoções. E mais:
ativa o sistema de recompensa, liberando
dopamina, o mesmo neurotransmissor que nos
dá prazer quando comemos chocolate, nos
apaixonamos ou rimos de verdade.

É como se o cérebro dissesse:

“Essa música é importante. Guarde isso. Sinta
isso.”

O que o cérebro faz, o corpo responde

Os arrepios ocorrem quando o sistema nervoso
autônomo é ativado — o mesmo sistema que
reage ao frio, ao medo ou à excitação. Ou seja, a
música “engana” o cérebro, fazendo-o reagir
como se algo muito impactante estivesse
acontecendo.

Isso explica por que:

- Uma música pode nos fazer chorar sem
motivo aparente.
- Certos trechos de canções (como um
crescendo de orquestra ou um coral
poderoso) causam arrepios.
- Refrões que lembram momentos marcantes
da vida ativam memórias profundas.



Tem que ter conexão

Mas atenção: nem toda música causa arrepios em todo mundo. O efeito está ligado à nossa história, identidade, vivências e até ao momento presente.

Você pode ter arrepios ouvindo:

- A música que tocou no nascimento de um filho.
- Um hino de resistência cantado em um protesto.
- Um solo de guitarra que lembra alguém que já se foi.
- Um trecho de ópera ou samba que simplesmente te atravessa.

A música fala com a gente num idioma que não precisa de tradução.

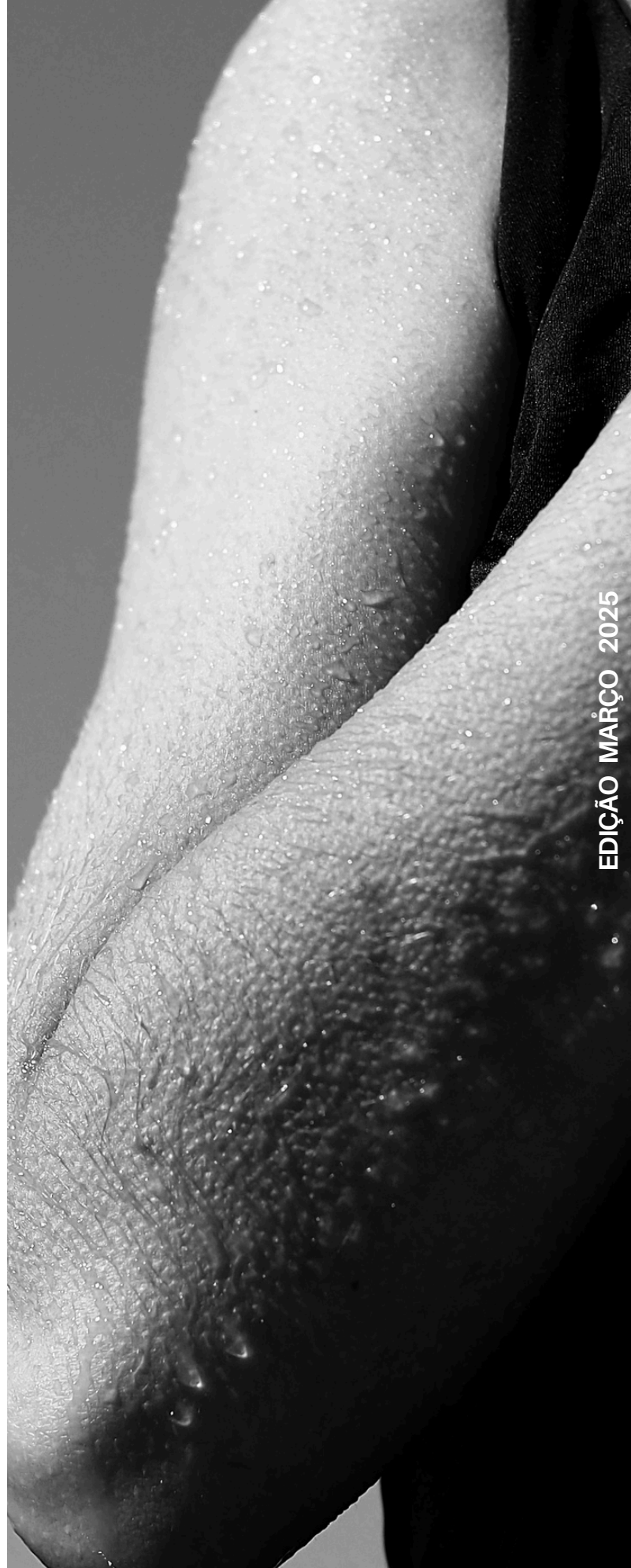
✨ Quando a arte toca o invisível

No fim das contas, os arrepios com música são uma ponte entre o físico e o invisível. São prova de que somos feitos de mais do que carne e osso — somos também memória, emoção, desejo e som.

O corpo arrepia para dizer:

“Isso me tocou de verdade.”

E, em tempos tão barulhentos, sentir isso é um presente.





A HISTÓRIA DO SALTO ALTO

- COMO UM ITEM DE STATUS MASCULINO VIROU
SÍMBOLO FEMININO.

Hoje, quando pensamos em salto alto, a imagem mais comum é a de um acessório feminino: elegante, sensual, às vezes até desconfortável — e presente em desfiles de moda, tapetes vermelhos ou reuniões de trabalho. Mas e se eu te disser que o salto alto foi criado originalmente para homens?

Sim, é isso mesmo: o salto nasceu como um símbolo de poder masculino, militar e aristocrático. A história dos sapatos de salto é cheia de voltas — e nenhuma delas foi por acaso.

Salto para montar a cavalo: o início

Tudo começou na Pérsia (atual Irã), no século X. Soldados usavam sapatos com salto para manter os pés firmes nos estribos enquanto cavalgavam. O salto garantia mais estabilidade ao atirar flechas durante o movimento.

Quando esse estilo chegou à Europa, no século XVII, os nobres ficaram encantados. Não demorou para que o salto virasse tendência entre os homens ricos e poderosos. Afinal, além de prático, ele elevava a estatura, simbolizava status e imitava a elite guerreira.

Luís XIV: o rei do salto

O maior fã de salto da história? Luís XIV da França, também conhecido como Rei Sol. Baixinho (com cerca de 1,60m), ele usava sapatos com saltos vermelhos, exclusivos para os nobres da corte. Quanto mais alto o salto e mais vivo o vermelho, maior o poder do usuário.

Luís até chegou a regulamentar quem podia usar saltos — uma forma de manter o luxo como privilégio da realeza. O salto era uma espécie de “coroa para os pés”.

E as mulheres? Elas roubaram o look!

A moda é viva — e cheia de ironias. No fim do século XVII, as mulheres europeias começaram a adotar o salto masculino como forma de afirmação e rebeldia, mostrando que podiam ocupar os mesmos espaços (e sapatos) que os homens.

Com o tempo, os estilos se separaram: o salto feminino ficou mais fino, curvo e decorativo. Já o salto masculino foi perdendo espaço até quase desaparecer — ficando restrito a algumas botas e sapatos sociais.

Do luxo à opressão (e à reinvenção)

Ao longo dos séculos, o salto alto feminino foi ganhando novas funções simbólicas: de sensualidade, elegância, mas também de expectativa estética e sacrifício corporal.

Ainda hoje, mulheres são pressionadas a usar salto em ambientes formais — mesmo que isso cause dor ou prejuízo à saúde. Por outro lado, movimentos feministas, LGBTQIA+ e de moda sem gênero vêm questionando esse padrão e resgatando o salto como escolha, não obrigação.

Figuras como Prince, David Bowie e artistas drag trouxeram o salto de volta para os pés masculinos como um ato de expressão artística e liberdade.



Mais do que estilo, um símbolo de poder

O salto alto já foi usado para cavalgar, dominar territórios, afirmar masculinidade, feminilidade e até questionar o próprio conceito de gênero. Hoje, ele pode ser tudo isso — ou nada disso — dependendo de quem o calça.

O que importa é lembrar que moda também é história, política e identidade.

E que, sim, todo mundo pode usar salto — desde que queira e se sinta bem.



Por que jogamos arroz em casamentos?

É cena clássica: os noivos saem da cerimônia sorrindo, e são recebidos com uma chuva de arroz jogado pelos convidados, como se o amor precisasse de uma bênção em grãos.

Mas você já se perguntou de onde vem essa tradição?

Por que justo o arroz? E o que ele representa? Acredite: esse costume é muito mais antigo — e simbólico — do que parece.

O costume de jogar arroz nos recém-casados vem de tradições orientais e europeias antigas, especialmente da Índia, da China e da Roma Antiga. Nessas culturas, o arroz era (e ainda é) símbolo de prosperidade, fartura, fertilidade e vida longa.

Na ausência de palavras, o gesto dizia:

“Que vocês tenham alimento, filhos e felicidade em abundância.”

Em muitas civilizações, grãos eram oferecidos aos deuses como agradecimento ou pedido por boas colheitas. Jogar arroz sobre os noivos era como consagrá-los à fertilidade da terra e da vida.

Além do significado espiritual, o gesto também tinha função prática: acreditava-se que os maus espíritos poderiam rondar os noivos após a cerimônia. Ao jogar arroz (ou outros grãos, como trigo e cevada), os convidados “distrain” os espíritos ou criavam uma barreira energética de proteção.

Com o tempo, essa prática foi adaptada para contextos religiosos e laicos, atravessando séculos e continentes — do campo à igreja, da aldeia ao salão.





🌱 E hoje? O que o arroz significa?

Na modernidade, o arroz virou mais um símbolo estético e afetivo. É o momento da foto, do riso, do abraço molhado de grãos — um gesto coletivo de apoio à nova união.

Mas ele também inspira novos significados:

- Em casamentos LGBTQIA+, pode representar a quebra de tradições com respeito à ancestralidade.
- Em casamentos sustentáveis, o arroz pode ser substituído por sementes de flores, pétalas ou confetes biodegradáveis, mostrando que a tradição pode evoluir com consciência.

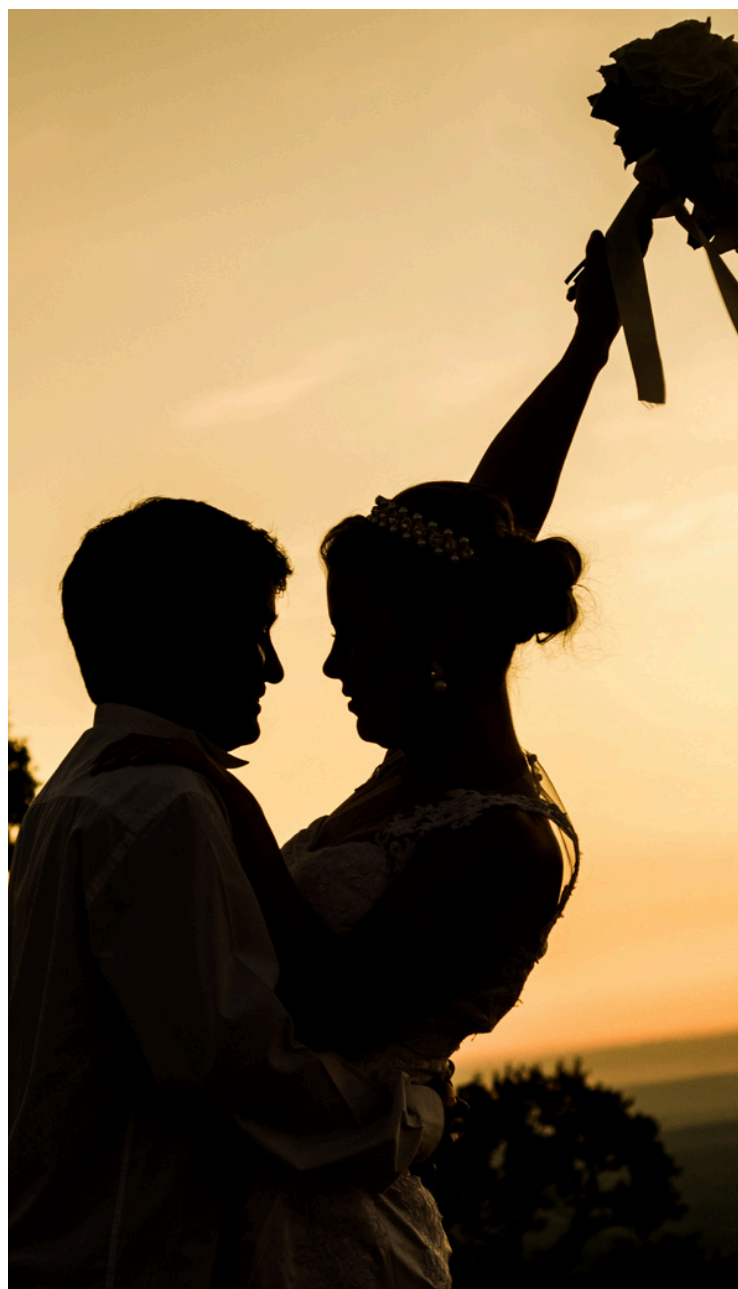
🌟 Entre o sagrado e o simbólico

No fim das contas, jogar arroz é mais do que jogar arroz.

É um jeito bonito de dizer:

“Eu desejo que vocês vivam uma vida de fartura, com amor que cresce, se multiplica e se renova como os campos depois da chuva.”

E em tempos de pressa e desconexão, manter um gesto tão simbólico é lembrar que o amor também precisa de raízes para florescer.



A APLICAÇÃO DOS CRIMES CONTRA A HONRA NO ÂMBITO DAS REDES SOCIAIS



RAFAEL AMADEU

ADVOGADO
@ADV.RAMADEU

Com o crescimento das redes sociais e aplicativos de mensagens, tornou-se comum a falsa ideia de que a internet é um ambiente sem regras.

Muitas pessoas acreditam que podem falar o que quiserem sem sofrer consequências, mas a realidade é bem diferente. Por tal motivo, vamos trazer uma série de matérias explicando como as leis influenciam o meio virtual, e para começar, vamos falar sobre os “crimes contra a honra” trazidos no nosso código penal brasileiro.

As ofensas propagadas em redes sociais podem configurar calúnia, difamação ou injúria, tal como ocorreria em ambientes físicos ou através de outros meios de comunicação, porque a legislação brasileira não faz distinção do meio utilizado para a prática desses crimes.

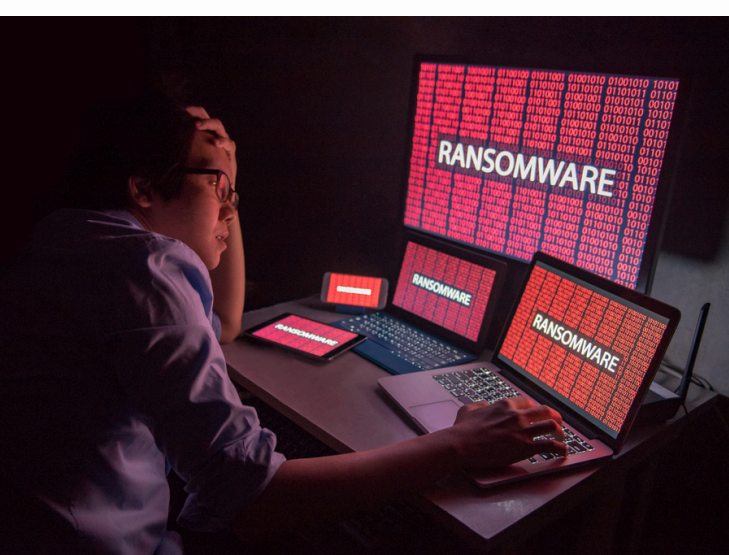
Quais são os crimes contra a honra?

O Código Penal Brasileiro prevê três crimes principais contra a honra:

● **Calúnia (art. 138):** ocorre quando alguém atribui falsamente a outra pessoa a prática de um crime. Exemplo: postar nas redes sociais que um vizinho é ladrão, sem que isso seja verdade. Caso alguém seja acusado injustamente de um crime e a informação se espalhe, a reputação da vítima pode ser gravemente afetada.

● **Difamação (art. 139):** acontece quando alguém divulga um fato ofensivo sobre outra pessoa, mesmo que seja verdadeiro, afetando sua reputação. Exemplo: espalhar em um grupo de WhatsApp que um colega foi demitido por ser desonesto, ainda que a informação seja verdadeira. O dano ocorre porque a informação compromete a imagem da pessoa diante da sociedade.

● **Injúria (art. 140):** ocorre quando alguém ofende a dignidade ou o decoro de outra pessoa, sem necessariamente atribuir um fato. Exemplo: xingar alguém de "incompetente" ou "idiota" nas redes sociais. A injúria atinge diretamente a honra subjetiva da vítima, abalando sua autoestima.



Agravantes nos crimes cometidos na internet Quando esses crimes são cometidos em redes sociais, sites ou aplicativos de mensagens, a pena pode ser maior. Isso acontece porque a lei considera que a internet tem um grande poder de propagação, ampliando o dano à vítima.

O Código Penal prevê um aumento de pena quando o crime é cometido em meio que facilite sua divulgação (art. 141, II). Além disso, vale lembrar que o autor da ofensa pode ser responsabilizado mesmo que a postagem tenha sido deletada posteriormente.

Prints, registros de mensagens e atas notariais são aceitos como prova nos processos judiciais e podem ser fundamentais para garantir que o conteúdo ofensivo seja documentado corretamente.

A responsabilidade de quem compartilha ofensas Muitas pessoas acreditam que apenas quem escreveu a ofensa pode ser punido, mas isso não é verdade. Quem compartilha ou replica uma calúnia, difamação ou injúria pode ser responsabilizado. Isso porque a legislação entende que a disseminação da ofensa contribui para o dano sofrido pela vítima. Portanto, é essencial ter cuidado ao compartilhar informações, especialmente quando envolvem acusações contra terceiros.

Onde deve correr o processo? A competência para julgar crimes contra a honra, ou seja, o local onde o processo deve ser iniciado, pode variar dependendo do caso.

Em geral, os crimes contra a honra são julgados no local onde a vítima sofreu a ofensa. No entanto, com a internet, essa questão se tornou mais complexa, pois a ofensa pode ser vista em qualquer lugar.

Os tribunais têm entendido que o processo pode ocorrer tanto no domicílio da vítima quanto no local de residência do autor da ofensa. Esse tema ainda gera discussões jurídicas, e há projetos de lei em andamento para tornar as regras mais claras e adequadas à realidade digital.

Como se proteger e agir diante de uma ofensa? Se você foi vítima de um crime contra a honra na internet, algumas medidas podem ser tomadas:

Reúna provas: tire prints das postagens, mensagens ou comentários ofensivos. Se possível, registre um boletim de ocorrência e, para maior segurança, faça uma ata notarial em um cartório.

Denuncie a publicação: redes sociais possuem mecanismos para denunciar conteúdos ofensivos.

Busque apoio jurídico: um advogado pode orientá-lo sobre as medidas cabíveis, como ação criminal ou pedido de indenização por danos morais.

A internet ampliou a comunicação, mas também trouxe desafios jurídicos. Não caia na ilusão de que o ambiente digital é sem regras. Se for vítima, busque seus direitos. Se quiser se expressar, faça isso com responsabilidade. O respeito e o bom senso são essenciais para um ambiente digital mais seguro para todos.

Por que usamos preto em funerais?

LUTO, RESPEITO OU TRADIÇÃO? O QUE HÁ POR TRÁS DA COR DA DESPEDIDA

Em muitos países do Ocidente, quando alguém morre, o preto domina: roupas escuras, véus, ternos, vestidos sóbrios. É quase instintivo: vamos ao funeral de preto como se a cor já viesse com o sentimento de dor, silêncio e respeito.

Mas você já parou para pensar por que usamos o preto nesses momentos?

Essa escolha tem raízes históricas profundas — e, em outras culturas, a cor do luto pode ser branca, roxa ou até vermelha.

● O preto como símbolo de ausência

No Ocidente, o uso do preto em funerais se consolidou na Europa, entre os séculos XIV e XV, com a nobreza e a realeza. Era uma cor associada à ausência de luz, ao fim, à introspecção e ao mistério — quase como se o corpo vestisse o sentimento.

Durante o luto, vestir-se de preto era sinal de:

- Respeito aos mortos
- Sofrimento contido e silêncio
- Distinção social, já que os tecidos escuros eram caros na época

Rainhas como Vitória da Inglaterra tornaram o luto preto um padrão — ela usou preto por 40 anos, após a morte do marido. Isso influenciou a cultura vitoriana e, consequentemente, o mundo ocidental por gerações.

Nem todo lugar do mundo chora em preto. Veja como o luto se expressa em outras cores ao redor do planeta:

☐ China, Índia e outros países asiáticos

→ O luto é tradicionalmente branco.

O branco representa pureza, paz e renascimento espiritual. Durante funerais, familiares se vestem de branco para simbolizar a libertação da alma.

■ Tailândia

→ O roxo é usado pelas viúvas.

A cor simboliza espiritualidade e respeito profundo.

● África do Sul e Gana

→ Em algumas etnias, o vermelho é a cor do luto para os mais velhos.

Representa sangue, ancestralidade e continuidade da vida.

● Egito Antigo

→ O amarelo dourado simbolizava o eterno, o sol, a divindade.

Os mortos eram muitas vezes cobertos com ornamentos dourados para garantir passagem segura ao outro mundo.



Atualmente, embora a escolha do preto ainda seja comum em muitos países, as formas de viver o luto têm se tornado mais diversas e pessoais. Algumas pessoas preferem roupas neutras, discretas ou até escolhem cores que representam a pessoa falecida, como azul (tranquilidade), verde (esperança) ou florais (celebração da vida).

Em muitos funerais modernos, a cor deixou de ser regra e virou expressão individual ou familiar. Afinal, cada despedida carrega uma história, um laço e um jeito de sentir.

✨ A cor do luto é mais interna do que externa

Seja preto, branco, roxo ou nenhuma cor, o que importa no luto não é o que se veste, mas o que se honra.

Vestir preto é, para muitos, um gesto de empatia. Para outros, é tradição. Mas em qualquer lugar do mundo, é também um símbolo de silêncio, de reverência, e de amor que ainda permanece.



Como o cheiro ativa a memória?

Quando um perfume te leva de volta para a infância — ou para alguém que já não está mais aqui

Você já sentiu um cheiro que te fez parar no tempo?

Às vezes, é o aroma de bolo assando, o perfume de alguém que passou na rua ou o cheiro da chuva caindo na terra quente.

E, de repente, lá está você: na casa da avó, no primeiro beijo, na escola, no colo de quem partiu.

Mas o que há por trás dessa magia?

Por que os cheiros têm o poder de despertar memórias tão vivas, tão reais — e, muitas vezes, tão emocionantes?

A ciência por trás da emoção

Entre todos os sentidos, o olfato é o que mais se conecta diretamente ao sistema límbico do cérebro — região responsável pelas emoções, pelos instintos e, principalmente, pela memória afetiva.

Ao contrário dos outros sentidos, que fazem longos caminhos neurológicos até serem processados, o cheiro vai direto para o cérebro emocional, sem passar primeiro pelo raciocínio lógico.

É por isso que:

- Um cheiro pode provocar choro antes mesmo de sabermos por quê.
- Podemos lembrar de lugares, pessoas e sensações com uma clareza absurda, só por sentir um aroma.
- O cheiro pode acender lembranças que achávamos perdidas para sempre.





Quando o invisível se torna memória
Enquanto a visão e a audição captam o que está
fora, o cheiro nos conecta com o que está dentro.
Ele desperta uma memória física — como se o
corpo se lembrasse antes da mente.

- ❖ O cheiro de álcool pode lembrar um hospital.
- ❖ O cheiro de cigarro pode trazer um tio ou avô à
lembança.
- ❖ O cheiro de pão quente pode reviver uma
infância inteira.

Cada pessoa tem seu próprio “dicionário de
cheiros”, com significados únicos, construídos
desde a infância. O que para você é reconfortante,
para outro pode ser incômodo. O cheiro é pessoal,
íntimo — quase secreto.

✨ **Perfume é presença que fica**

Quem já perdeu alguém que usava um perfume
marcante sabe: basta uma brisa com aquele cheiro
para o coração disparar.

Às vezes, nem é o perfume exato — é o que a
memória faz dele.

A ausência se transforma em presença, ainda que
por segundos.

Por isso, o cheiro pode ser tão importante no luto
quanto uma foto ou uma carta.

Ele encosta sem pedir licença e desperta
lembanças que dormiam quietas.

Cheiros também curam

Na aromaterapia, o uso de óleos essenciais e
aromas naturais ajuda a equilibrar emoções, tratar
ansiedades e até melhorar o sono. Isso porque o
cheiro age antes da razão, alterando o estado
mental e emocional rapidamente.

- ✿ Lavanda acalma.
- ✿ Alecrim estimula.
- ✿ Hortelã refresca a mente.
- ✿ Laranja doce desperta alegria.

A ciência já estuda os efeitos terapêuticos do
aroma, e muitas técnicas de bem-estar hoje
envolvem esse sentido esquecido — mas tão
poderoso.

✿ **Lembrar também é viver**

**O cheiro ativa a memória porque o afeto mora
na pele, não só na mente.**

**Quando sentimos um aroma, não estamos
apenas recordando — estamos revivendo, com
tudo o que sentimos na época.**

**Então, da próxima vez que um cheiro te parar
no meio da rua, respira fundo.**

**Ali dentro pode estar guardada uma parte linda
da sua história.**

**E às vezes, lembrar é o maior presente que o
invisível pode nos dar.**



A Associação Oribel é uma Organização da Sociedade Civil (OSC) que atua em âmbito nacional, criada em 2023 com o objetivo de fortalecer e viabilizar iniciativas e organizações sociais, culturais e ambientais que não possuem formalização jurídica, porém contam com ideias e projetos inovadores e que fazem a diferença na vida das pessoas e nas comunidades em que atuam.

Buscamos Promover a ética, a paz, a cidadania, os direitos humanos e democracia. Acreditamos que, por meio de nossas ações, podemos fazer a diferença na vida de muitas pessoas e contribuir para uma sociedade mais justa e igualitária.

Visamos viabilizar projetos que prestam assistência integral à criança e ao adolescente, ao idoso, às pessoas com deficiência, às mulheres, às pessoas negras e à população LGBTQIA+, sem distinção alguma de raça, cor, condição social, credo político ou religioso, visando a integração familiar e social dos assistidos.

Atuar na defesa e promoção da livre orientação sexual e da livre identidade de expressão e gênero das pessoas LGBTQIA+, colaborando com organizações do setor privado, público e do terceiro setor na criação de projetos alinhados às políticas públicas de incentivo a manifestações culturais.

Promovemos a inserção no mercado de trabalho, medidas de atendimentos humanizados, medidas de segurança pública e medidas de saúde pública desta população.

Trabalhamos formando parcerias e alianças com estas organizações, possibilitando a estruturação de seus projetos e ideias com o intuito de viabilizar a captação de recursos financeiros através de programas governamentais e leis de incentivo, bem como conectando pessoas físicas e jurídicas a estas iniciativas através de doações.

Além disso, atuamos provendo apoio, treinamento e orientação administrativa, técnica, legal e contábil aos idealizadores destas organizações, para que tenham uma gestão eficiente dos recursos captados e uma comunicação segura com seu público.

Junte-se a nós nesta missão. Juntos, podemos fazer a diferença.

 <https://oribel.org.br>



(21) 9 7286-0452 - RJ



ASSOCIAÇÃO ORIBEL



CONTATO@ORIBEL.ORG.BR



@ORIBEL.ONG



@ORIBEL.ONG

Ajude
NOSSOS PROJETOS
CHAVE PIX

Associação Oribel

